



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

A RELAÇÃO DE SEMELHANÇA ENTRE OS UNIVERSAIS E AS COISAS PARTICULARES.

BRENDA OLIVEIRA DO ESPIRITO SANTO¹; ANTONIO JANUNZI NETO²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: brenda.oliveira.fsa@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: antonyus@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Tomás de Aquino. Epistemologia. *Materia causae*.
Causalidade.

INTRODUÇÃO

A partir da estrutura epistemológica apresentada por Tomás de Aquino para justificar o processo de conhecimento humano, compreendemos que no que diz respeito ao gênero de conhecimento, a sensibilidade é posta não apenas como uma etapa deste processo, mas como elemento fundamental para que o ato de inteligir aconteça. O Aquinate admite que, em certo sentido, o processo de conhecimento intelectual depende da atualização sensorial para que se possa conhecer em ato a natureza da coisa sensível, pois a falta de um dos sentidos ocasiona a ausência da ciência deste sentido e, conseqüentemente, acaba por privar o juízo perfeito do intelecto¹. Assim, nos artigos finais da Suma Teológica, q. 84, Tomás de Aquino estabelece os motivos pelos quais o intelecto depende da atualização dos sentidos, pois deve-se considerar que a alma conhece através do intelecto, utilizando os sentidos para deles retirar a matéria da causa (*materia causae*) do conhecimento.²

A teoria do conhecimento de Tomás de Aquino nos possibilita compreender a necessidade de admitir o estatuto da sensibilidade para justificar a presença imaterial da coisa sensível no cognoscente, isto é, a existência do inteligível de modo atualizado e universal no intelecto. Tal necessidade se justifica tendo em vista o limite da natureza intelectual em relação ao coisa extra-mental, isto é, a potência intelectual é privada de conhecer a natureza da coisa sensível diretamente em razão da distinção das naturezas destas. Por um lado, a natureza do intelecto é dita como imaterial e não condicionada a matéria, pois como é afirmado pelo Aquinate o intelecto não é “ato de uma órgão, mas uma potência da alma, que é forma de um corpo”³. Conseqüentemente, segundo a razão da imaterialidade da alma, é necessário considerar que o intelecto, por ser a potência mais próxima da alma na ordem das potências, compartilha de sua natureza imaterial, quer dizer, a imaterialidade da alma é razão causal do intelecto. Por outro lado, a

¹ Suma Theologiae, 84, a.8, ad. 1 Respondeo.

² Suma Theologiae, 84, a.7, Respondeo.

³ Suma Theologiae, 75, a.1, Respondeo.

privação da atividade intelectual em conhecer a realidade sensível em suas disposições matéricas e individuais é justificada por Tomás de Aquino a partir do conceito de matéria como o princípio de individuação. Para o autor, “a matéria não é princípio de conhecimento”⁴, segundo o afirmado, o intelecto é privado de conhecer a natureza da coisa sensível diretamente, isto é, a realidade sensível é considerada pelo Aquinate como refrataria a inteligibilidade dado sua natureza material e individual. Por outro lado, aquilo que é possível de ser conhecido pela capacidade cognitiva se encontra de modo potencial, necessitando assim um processo de refinamento para que possa se conhecido de modo atualizado e universal pelo intelecto.

Dado as razões apresentadas, a necessidade de admitir o estatuto da sensibilidade para que ocorra a atualização cognitiva é construída na medida em que o intelecto depende das atualizações dos sentidos externos e internos para ser atualizado⁵. Assim, o sujeito se relaciona primeiramente com a coisa sensível através dos sentidos externos e posteriormente após a alteração⁶ (*immutatio*) ocorrida, os sentidos internos são atualizados segundo uma ordem específica de atualização.⁷ Nessa perspectiva, a atividade intelectual, em certo sentido, depende da atualização dos sentidos para que desta maneira a atualização cognitiva ocorra, isto é, o conhecimento sensível dentro do gênero de conhecimento admitido pelo Aquinate, estabelece as primeiras interações do sujeito cognoscente com a natureza da coisa extra-mental.

Diante disto, a intenção principal desta investigação sobre o tema do conhecimento não se diz na tentativa resolver os possíveis problemas que a teoria do conhecimento de Tomás de Aquino apresenta, mas sim na tentativa de explicitação das primeiras investigações para entender como é construída a relação entre a faculdade sensível e a atividade intelectual, como também assumido o compromisso de apontar as principais questões que fundamenta a pertinência de um estudo mais cuidadoso sobre o tema sugerido e que devem ser ponderadas para nos possibilitar um tratado melhor a esse respeito.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O método de pesquisa em filosofia será de natureza bibliográfica, cuja tarefa central consiste na leitura sistemática e cuidadosa das fontes primárias e secundárias, possibilitando num segundo momento a elaboração de textos segundo técnicas de exegese e de escrita que caracterizam a área. Desta forma, a execução das atividades concernidas pelo plano de trabalho privilegiará o cotejo com as fontes primárias da pesquisa, sobretudo a Suma Teológica, sem se furtar à apreciação de fontes secundárias

⁴ **De Ente et Essentia**. Cap. I, ad. 11.

⁵ Para melhor compreensão sobre o processo de conhecimento sensível na epistemologia de Tomás de Aquino, ver em: NETO, Antonio Janunzi. A teoria do conhecimento sensível em Tomás de Aquino. In: **Ideação: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana**, v.1, n.1 (1997-) n.28, jul./dez. 2013. p 151-190. 193.

⁶ O termo *immutatio* é apresentado por Tomás de Aquino para admitir a natureza da relação casual no âmbito do conhecimento sensível, ou seja, o processo do conhecimento sensível é determinado pela modificação dos sentidos externos por parte de uma determinada coisa sensível. (Cf. **Suma Theologiae**. q. 78, a. 3, Respondeo.)

⁷ Cf. **Suma Theologiae**, 79, a.3. O conceito de modificação é admitido pelo Aquinate para apresentar a relação que os sentidos externos com a coisa sensível, ou seja, as primeiras interações entre a coisa sensível e os sentidos externos se caracteriza por uma modificação que equivale a uma relação causa e efeito.

pertencentes a destacados comentadores, a exemplo de artigos, dissertações e teses vinculadas ao tema e que se inscrevem na tradição de leitura da obra do Doutor Angélico. Ressaltamos que o material a ser utilizado para o desenvolvimento deste plano de trabalho refere-se à noção de Matéria, especificamente a noção de *Matéria Causae*, um dos elementos necessários para a formulação dos universais segundo a teoria Tomista de Abstração.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

De forma sumária, podemos apontar algumas questões que nos exige revisão interpretativa sobre o estatuto da sensibilidade no processo cognitivo de modo a possibilitar uma explicação mais pontual da participação dos sentidos no âmbito de uma relação causal. Em relação ao sentido em que a noção de causalidade é expressada através do conceito de matéria da causa compreendemos que para especificar qual a natureza do sentido de causalidade ora expressado por Tomás de Aquino no conceito de matéria da causa, deve primeiramente compreender o limite que é admitido para que a relação entre o sentido e o intelecto não seja qualificada como uma determinação dos sentidos em relação a atividade intelectual.

Nesse sentido, a questão que nos é sugerida aponta para quais os critérios para que algo possa ser tomado como causa, isto é, qual ou quais são os critérios que autoriza que algo dentro de uma relação seja qualificado como a causa de outro? Quando nos voltamos para a afirmação do Aquinate de que “nenhuma coisa corpórea pode agir sobre uma incorpórea”, compreendemos que aqui é deixado de lado um elemento que constitui e descreve uma relação causal, isto é, ao que nos parece a noção de causalidade afirmada pelo autor não inclui uma relação de determinação. Assim, a relação entre sentido e intelecto não pode ser explicada por uma relação de determinação, dado que a natureza da faculdade sensível se encontra, mesmo enquanto representações imaginárias, condicionada a matéria determinada. Logo, ao negar que uma coisa corpórea pode agir sobre uma incorpórea, nega-se também uma característica que qualifica algo como causa, o que nos cabe aqui interrogar é se o modo de relação que é negado pelo Aquinate deve ser tomado como contingente para que algo seja considerado como causa ou uma condição necessária para tanto. É, portanto, nos apoiando ao limite que é admitido por Tomás de Aquino para descrever a relação entre sentido e intelecto que podemos inferir que o conceito de causalidade possa corresponder a um modo específico de qualificar uma relação causal.

Ademais, a noção de casualidade nos exige apontar no que concerne ao processo de atualização cognitiva os efeitos advindos da atualização sensível, isto é, a partir do momento que sustentamos que a relação entre o sentido e intelecto se resolve através de uma relação causal devemos apontar o efeito do sentido no processo de atualização cognitiva e de que maneira tal efeito não fere a preponderância da atividade intelectual uma vez que uma coisa cuja natureza seja corpórea não pode agir sobre uma incorpórea. Assim, independe qual seja a natureza da relação casual que explica a contribuição dos sentidos para o processo de conhecimento intelectual, não se pode escapar de ter que apontar os efeitos que a participação dos sentidos, mesmo este sendo tomado como uma causa parcial, exerce sobre o intelecto, pois constitui a noção de causalidade ter que admitir seus efeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Diante das considerações feitas, parece-nos que a noção de causalidade ora expressada no conceito de matéria da causa corresponde a um modo específico de causalidade, pois segundo as características da noção de casualidade que são sustentados por Tomás de Aquino, bem como pelo Estagirita (material, formal, eficiente

e final), nos parece ultrapassar o limite que é posto na relação entre sentido e intelecto. Segue-se que, a noção de matéria da causa nos parece responder a um modo peculiar da participação da sensibilidade no conhecimento intelectual, de modo a respeitar as condições para que os sentidos forneçam as condições necessárias (a matéria necessária) para o intelecto produzir uma espécie inteligível por meio de um ato abstrativo. Logo, o sentido de matéria da causa pode ser tomado como o que justifica a contribuição parcial dos sentidos para a conhecimento intelectual, ou seja, representa as condições necessárias para a atualização cognitiva. A noção de causa, aqui, descreve a natureza causal especial deste modo de relação, pois, ao preservar o limite da relação entre sentido e intelecto, o sentido de causa ora em jogo é dito apenas parcial. Em suma, o sentido de *materia causae* justifica a relação da sensibilidade com a potência intelectual, apontando como os sentidos podem contribuir para o conhecimento intelectual. Tendo em vista aos elementos interpretativos apresentadas até aqui, nos resta admitir que não nos encontramos aptos a admitir o sentido preciso que o Aquinate atribui à causalidade na noção de *matéria da causa*, e em que sentido isto determina a relação entre sentido e intelecto.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. Tradução de Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I e II.

_____. Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, questões 5 e 6. Tradução e introdução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

_____. O Ente e a Essência. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. Questões Disputadas Sobre a Alma. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações, 2014.

ARISTÓTELES, Metafísica; Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine, 5. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ARISTÓTELES. De Anima. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

KLEMZ, Markos Guerrero. A questão dos universais como preâmbulo à teoria da predicação em Tomás de Aquino. 2008. 75f. Dissertação - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <https://ppglm.files.wordpress.com/2008/12/dissertacao-ppglm-markos-klemz-guerrero.pdf>>.

SEBASTIÃO, Thiago Reis Contarato. Mereologia e Metafísica em Tomás de Aquino. 2014. 142f. Dissertação - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <https://ppglm.files.wordpress.com/2008/12/dissertacca7acc83o-de-mestrado-thiago-sebastiacc83o-mereologia-e-metaficc81sica-em-tomacc81s-de-aquino.pdf>>.

AURÉLIO, Marco. Linguagem e Verdade na Filosofia Medieval. Salvador: Quarteto, 2013. 208 p